

GIR 1374

190
INDÍGENAS

Exército auxilia índios em Viamão

Soldados do Comando Militar do Sul estão limpando e fazendo obras comunitárias na reserva do Cantagalo

SÍLVIO FERREIRA

A tarefa que está consumindo boa parte do tempo dos soldados do Exército que estão na reserva indígena do Cantagalo, em Viamão, é fruto justamente da civilização branca. Os pedaços de roupas, sacos plásticos e papéis recolhidos ao longo dos 47 hectares da área transformaram-se em restos de uma cultura que nunca precisou desses materiais para sobreviver. No final da tarde de hoje, 50 homens do Comando Militar do Sul encerram um trabalho de dois dias de limpeza e obras comunitárias na reserva dos índios Guaranis.

Os soldados chegaram na manhã de ontem. A primeira atividade foi limpar a reserva. Cataram pedaço por pedaço de lixo, abriram buracos no chão e atearam fogo. "O cacique disse que ficou com vergonha dos brancos virem tirar a sujeira da nossa reserva", comentou, tímido, o vice-cacique, Teófilo Gonçalves, 27 anos. Gonçalves adiantou que pretende fazer uma reunião com toda a comunidade para tentar resolver o problema do lixo.

A reunião vai protagonizar apenas mais uma tentativa de adaptação à cultura do homem branco. "Esta sujeira na reserva é exatamente um produto da nossa sociedade", explica o professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) José Otávio Catasesto, 37 anos. "Eles nunca precisaram recolher o lixo porque tudo era reaproveitado pela própria natureza."

O professor, que elabora um trabalho de conclusão de doutorado com o título Os Nativos Invisíveis, conta que um copo, por exemplo, era feito a partir de uma folha de árvore. Uma vez utilizado, ele era deixado no chão mesmo. "O invólucro, a embalagem é um marco típico da nossa sociedade", observa Catasesto.

O lixo não é o único problema da reserva do Cantagalo. As 27 famílias – entre elas 52 crianças – que habitam a área vivem em condições precárias. Falta comida (o espaço é pequeno para a caça e a pesca), ferramentas para plantar, roupas e material para construir cabanas mais seguras. "Quando o vento é forte e vem a chuva fica muito difícil", admitiu Gonçalves. O vice-cacique acredita que com algumas sementes e ferramentas para fazer uma horta daria para tentar

alimentar sua comunidade.

A sobrevivência dos Guaranis está praticamente baseada em doações. Além da impossibilidade da caça e da pesca, o professor da UFRGS diz que as terras que sobraram para os Guaranis são de mata secundária. Nem a venda dos tradicionais cestos de vime garante a eles uma renda suficiente para toda a tribo. "Aqui na reserva não existe taquaras para fazer os cestos", lamentou Gonçalves, pai de quatro filhos. "Então temos que caminhar uns 10 quilômetros e contar com a boa vontade de alguém que nos dê as taquaras."



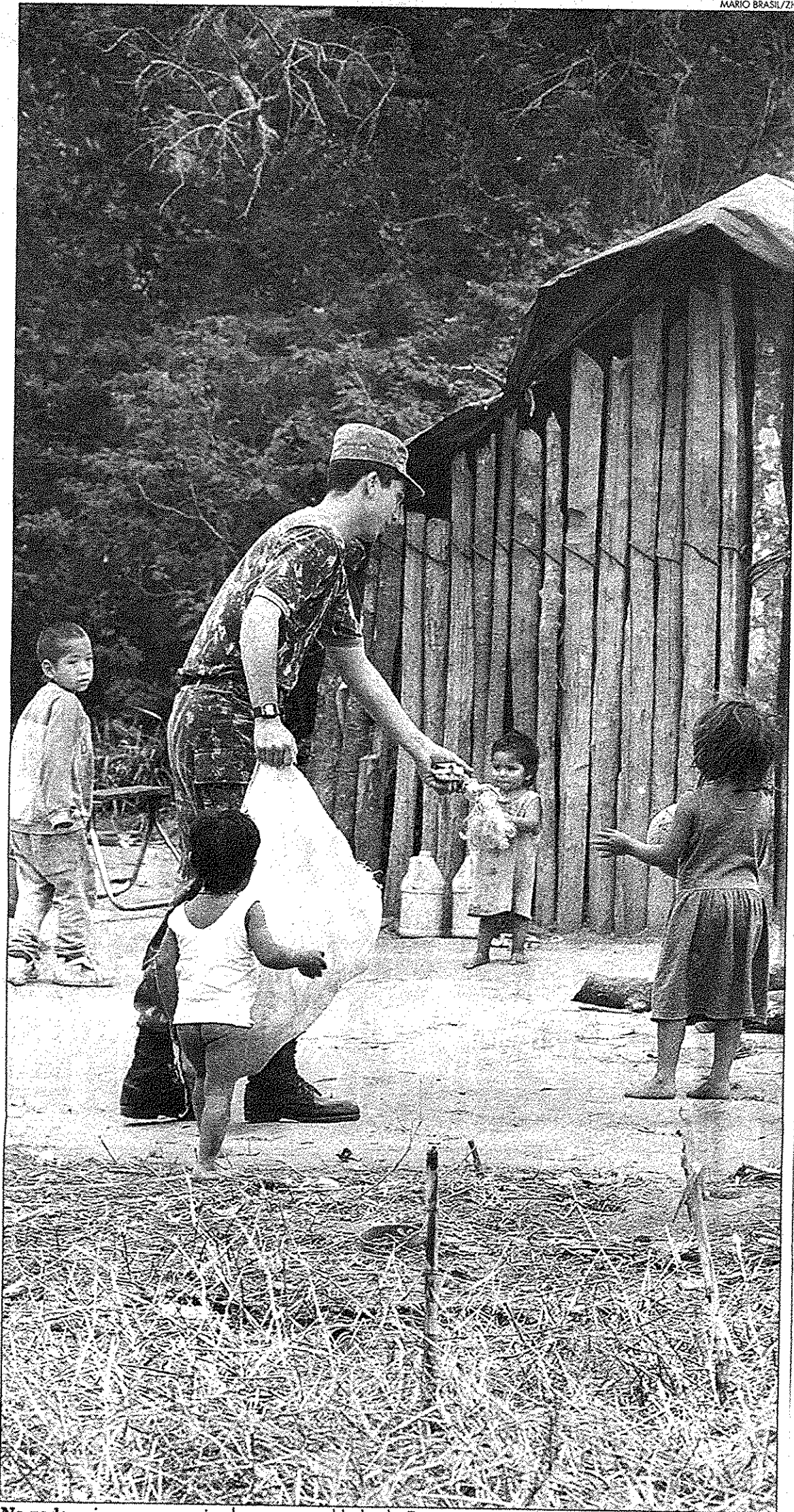
"O cacique ficou com vergonha dos brancos virem tirar a sujeira da nossa reserva"

TEÓFILO GONÇALVES,
vice-cacique

Uma vaca é a responsável por fornecer o leite para as 170 pessoas da reserva. "Como não é suficiente para todo mundo, as crianças têm preferência", explicou o vice-cacique. A criação de galinhas e alguns cães cabibaios completam o pequeno número de animais circulando pela área dos Guaranis. "Nós queríamos é pescar", suspirou Gonçalves, olhando para o tímido córrego que atravessa a região.

O sonho de Gonçalves pode ser realizado. O tenente do Exército Otacir Fernando da Silva, 26 anos, contou que existe um projeto para represar uma parte da nascente e tentar fazer uma criação de peixes na reserva. "Para nós seria muito bom", festejou Gonçalves.

Hoje à tardinha, quando os soldados do Exército deixarem Cantagalo, a ponte sobre o córrego estará reforçada, um galpão foi praticamente erguido e a limpeza feita. O chefe da seção de Comunicação Social do Comando Militar do Sul, coronel Dorival Ari Bogoni, pretendia ainda hoje enviar uma equipe para prestar assistência médico-odontológica aos indígenas.



Na roda: crianças guaranis observam o soldado do Exército que ajuda a limpar a área da reserva